



IRVING SHULMAN

 **AMOR,**
SUBLIME
AMOR 

WEST SIDE STORY



 **AMOR,**
SUBLIME
AMOR 
WEST SIDE STORY

IRVING SHULMAN

**AMOR,
SUBLIME
AMOR**

The title 'AMOR, SUBLIME AMOR' is rendered in large, bold, grey capital letters. A black silhouette of a person in mid-air, with arms and legs outstretched, is positioned behind the first 'A' of 'AMOR'. Another black silhouette of a person in a dynamic pose, with one arm raised and the other extended horizontally, is positioned behind the final 'R' of 'AMOR'. Below the title, the words 'WEST SIDE STORY' are written in bold, black capital letters.

TRADUÇÃO DE
Flávia Rössler



Copyright © 1961 by Simon & Schuster, Inc.
Copyright da tradução © 2021 by Editora Intrínseca Ltda.
Publicado mediante acordo com a Gallery Books, uma divisão da
Simon & Schuster, Inc. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
West Side Story

REVISÃO
Júlia Ribeiro
Luiz Felipe Fonseca

PROJETO GRÁFICO
Lana J. Roff

DIAGRAMAÇÃO
Cláudio Corrêa | DTPPhoenix Editorial

DESIGN DE CAPA
Chelsea McGuckin

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Henrique Diniz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S565a Shulman, Irving, 1913-1995
Amor, sublime amor: west side story / Irving
Shulman; tradução Flávia Rössler. – 1. ed. – Rio de
Janeiro: Intrínseca, 2021.
21 cm.

Tradução de: West side story
ISBN 978-65-5560-318-7

1. Romance americano. I. Rössler, Flávia. II. Título.

21-72398 CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

[2021]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

CAPÍTULO UM

Riff Lorton olhou o relógio que tinha afanado de um bêbado na semana anterior, viu que eram quase nove horas e resmungou, porque a maior parte da noite ainda estava por vir. Com o horário de verão, eles tinham que começar os trabalhos mais tarde, quando já tivesse de fato escurecido. Mas ele passara o dia inteiro inquieto, ansioso e louco de vontade de começar, de fazer os Jets levantarem a bunda e partirem para a ação.

Era compreensível que novatos como Baby-John ficassem apenas à espera de ordens, mas noite após noite Riff precisava mostrar aos Jets que podia mantê-los tão ocupados e se sentindo tão importantes quanto na época em que era Tony quem fazia os planos.

Havia algumas coisas que eles já poderiam fazer. Talvez ir ao Central Park e procurar algum bêbado para roubar, já que um ou outro membro dos Jets precisava de relógios. Ou circular pelos arbustos até encontrar algum casal idiota trepando e ver se conseguiam participar.

Poderiam até se dispersar e andar rebolando pelo parque sozinhos até um deles pegar algum veado ridículo para dar uns socos antes de surrupiar sua carteira e seu relógio.

Nenhuma é boa, Riff concluiu sobre essas possibilidades. Quando escurecia, o parque ficava repleto de policiais que batiam primeiro e perguntavam depois. Imaginavam que sempre que vissem um sujeito atracado com uma mulher no parque devia ser um estupro, então o espectador inocente poderia acabar encrencado; quanto aos veados, alguns surpreendiam — eram estivadores, motoristas de caminhão, faixas pretas de judô, caras com jeito de lutadores —, e se envolver com eles podia significar uma surra feia. E não era possível concluir nada sobre os de aparência afeminada; podiam ser policiais à paisana, designados para patrulhar os veados. O Central Park, então, estava descartado.

Claro que havia as namoradas, mas os Jets gostavam de ir com calma nesse assunto, porque, se as buscassem logo, elas ficariam no pé deles o resto da noite; e do jeito que Graziella grudava nele, Riff ia acabar virando um velho antes da hora por causa dela.

Para uma garota tão esperta e experiente, Graziella andava com umas ideias terríveis e idiotas sobre casamento, além de tagarelar cada vez mais sobre a quantidade de jovens da idade deles que se casavam a cada ano. Pelo amor de Deus! Ela até havia mostrado a ele uma lista no jornal com nome e idade de todos que deram entrada na documentação para casar, e muitos daqueles otários só tinham dezoito anos.

Não senhor, Riff disse para si mesmo, e sabia que os outros Jets concordariam. Ele estava satisfeito com as aventuras amorosas deles, sem precisar se casar nem nada.

— Aqui é Action perguntando qual é a ação. — Riff sentiu o segundo em comando dos Jets cutucá-lo. — O que vamos fazer hoje à noite para sujar o nome da nossa bela cidade?

Riff bateu nos dentes com uma carteira de identidade que dizia que ele tinha 22 anos. Com altura mediana, rosto e queixo quadrados e cabelos bem curtos para ninguém conseguir segurá-los em uma briga, Riff tinha olhos grandes, sagazes e bem espaçados e um nariz já quebrado duas vezes.

Como os outros membros dos Jets, ele usava o uniforme padrão dos dias quentes: calças de sarja ou jeans, camisetas justas para mostrar os músculos bem desenvolvidos e botas pretas de cano curto. À espera de uma decisão de Riff, os Jets o rodearam quando ele se apoiou no poste de luz. Eles se movimentavam, nervosos, como se ansiassem por alguma confusão, os olhos brilhando em expectativa, os lábios contraídos em linhas duras e cruéis, os dedos parecendo garras pela tensão.

Riff olhou por cima da cabeça dos parceiros, como já fizera tantas vezes em noites anteriores, na esperança de ver Tony descendo a rua. Por que Tony tinha abandonado os Jets daquele modo era algo que Riff não conseguia entender, e começava a desconfiar da conversa fiada contada por Tony sobre a mãe dele. A própria mãe de Riff, a de Action, a de A-Rab, a de Diesel, a de Gee-Tar,

todas eram ameaçadas sempre, mas, até aquele momento, nenhum funeral havia acontecido.

— Pare de procurar o polaco — ele ouviu Action dizer. — Tony não quer mais saber de nós.

— Sabe qual é o seu problema? — rebateu Riff.

Action deu um passo atrás e apertou as mãos para estalar os dedos.

— Vai, diga logo qual é.

— No seu caso, duas cabeças não pensam melhor do que uma.

Baby-John riu.

— Boa, Riff. Alguém novo deve estar escrevendo suas tiradas. — Baby-John se abaixou para escapar da mão de Action, depois pulou para o meio-fio. — Tudo bem, Action. Desculpe pela risada.

— Faça isso de novo e você não vai ter tempo para se desculpar — advertiu Action a Baby-John, incluindo os outros membros dos Jets na ameaça.

Action não conseguia se convencer de que Baby-John era o tipo de recruta de que precisavam. Tony, ao apadrinhar o menino, tinha ressaltado que a maioria deles começara a se aproximar dos Jets aos treze ou quatorze anos, porque um garoto que não estava dentro da gangue estava definitivamente fora e poderia decidir ficar longe das ruas de uma vez. Mas havia garotos e garotos, Action pensou, e Baby-John... Bem, esse era um apelido e tanto para alguém encarregado de ficar por perto com uma chave de roda na mão quando a briga acirrava e a situação se complicava.

Com cada vez mais frequência, Action se perguntava se devia desafiar Riff pela liderança dos Jets. Mas se

fizesse isso e conseguisse, teria que dizer aos Jets o que fazer, liderá-los de verdade; do jeito que estava, ele podia reclamar de tudo o que era decidido e manter Riff sempre atento para provar que merecia a liderança.

Como Riff precisava se esforçar para ser um bom líder, os Jets formavam um grupo unido e entrosado, e nenhuma das gangues brancas dos outros quarteirões queria se meter com eles. Até os bêbados sabiam que era melhor ficarem longe. Só os porto-riquenhos andavam por perto, em número maior a cada dia, e se os malditos tiras, o prefeito e todos os outros não tinham bom senso suficiente para tomar uma atitude sobre isso, os Jets tinham.

Talvez, Action pensou ainda esfregando os nós dos dedos, o prefeito aparecesse por lá para dar uma medalha a eles; haveria uma grande cerimônia, muitos discursos, várias bebidas e mulheres e, no final, na hora da condecoração, os Jets surpreenderiam os canalhas dizendo a eles o que fazer com as medalhas, e como!

— Não sei — comentou Diesel quando ficou de pé depois de fazer uma bananeira —, mas acho que não me lembro de uma noite tão lenta como esta. — Olhou para as estrelas, então para as luzes da rua. — Estou sem inspiração — acrescentou. — E não me sinto cansado o suficiente para deitar em algum lugar e dormir. Vamos maratonar uns filmes? — sugeriu.

— Nem pensar — retrucou Riff. — Vamos dar uma volta e ver o que acontece. Você... e você — apontou para Mouthpiece e Tiger. — Fiquem de olho em qualquer confusão.

Com ombros aprumados, polegares enganchados na pesada fivela militar do cinto e passos firmes e exagerados, Riff foi em frente, mantendo o olhar fixo em algum ponto distante. Qualquer um em seu caminho teria que se afastar, porque aquele território era deles.

Logo atrás, os Jets seguiam em grupos de dois e três, com Baby-John tão perto de Riff quanto ousava, imitando-o tanto quanto ousava, torcendo para que ninguém percebesse, principalmente Riff, que ele também estava com os polegares enganchados na fivela do cinto. Agora, Action, A-Rab, Big Deal, Snowboy e Gee-Tar faziam o mesmo. A intenção era deixar claro a todos que os Jets estavam à espreita, prontos para enfrentar qualquer um por qualquer coisa, não importava o quê, e em qualquer lugar, a qualquer momento.

Na aparência, na postura e na determinação, não era possível distinguir os Jets de milhares de outras gangues que circulavam pelos bairros, e o mais assustador era que eles não tinham alvos para seu ódio. Com o olhar, as palavras e a ação, até mesmo com o pensamento, eles detestavam tudo e todos que apareciam pela frente. Sem direção, vagavam pela cidade, comprometidos com a destruição. Nada estava em segurança, porque tudo e todos eram seus inimigos. Consequentemente, com a crueldade de bestas cegas e sem cérebro, os Jets atacavam qualquer coisa com que se deparassem.

Sua vítima ou alvo podia ser um homem que haviam tratado bem no dia anterior, um menino ou uma menina com quem se divertiram minutos antes, um lojista que

sempre lhes vendera fiado, um prédio vazio com uma janela ainda intacta. Dedicadas à devastação cega, incapazes de avaliar pessoas e instituições, as gangues destruíam e, quando não encontravam mais ninguém para eliminar, voltavam-se umas contra as outras.

Assim, a cidade se transformou em um campo de batalha de mil ruas, dez mil casas, telhados, porões e becos. A cidade se tornou perigosa, e as pessoas circulavam e viviam aterrorizadas.

Até os porto-riquenhos entrarem em cena. A partir daí, as gangues passaram a ter um propósito e um alvo, e a cidade ficou muito mais segura para todos, exceto para os porto-riquenhos. Eles haviam chegado sem convite, por isso qualquer desgraça que lhes acontecesse seria por culpa deles mesmos.

Algumas pessoas, mais reflexivas, se perguntavam o que aconteceria se os porto-riquenhos fugissem ou fossem expulsos da cidade. Era melhor ninguém ficar pensando muito nisso nem projetar muito adiante. Na atual situação, as gangues investiam contra os porto-riquenhos, e os porto-riquenhos pagavam na mesma moeda. Num cenário otimista, eles poderiam exterminar uns aos outros; e, com essa feliz esperança para o futuro, a cidade continuava a fazer negócios e tudo o mais como de costume — e a morrer.

Estava quente naquela noite, as pessoas viam os Jets das janelas e varandas de seus apartamentos, e só quem aprovava o comportamento dos garotos lhes dava atenção. O resto desviava o olhar ou se escondia atrás de jornais e lenços, porque os Jets significavam problema, e

naquela área apinhada já havia mais problema do que ar, luz ou esperança. Então, por que procurar mais?

Em outras ruas havia outras gangues que dormiam até o fim da manhã, arrumavam confusão de tarde e, como gatos vadios, estavam a todo vapor à noite, para espreitar os porões, os becos, os telhados, as ruas do populoso e decadente West Side de Manhattan.

Não havia lugar para onde se mudar, lugar para onde ir. Já fazia vinte anos que a Segunda Guerra Mundial tinha começado e acabado, mas as moradias que as pessoas comuns conseguiam pagar ainda eram escassas; e se um sujeito branco quisesse deixar seu apartamento, não havia um único proprietário na região que não se alegraria com a desocupação do imóvel, que no mesmo instante poderia ser alugado de novo por um valor mais alto.

E se ele quisesse transformar três quartos em cinco, seis ou até oito, era só abarrotar cada um deles com porto-riquenhos e, assim, garantir uma grana suficiente para passar a maior parte do ano na Flórida ou na Califórnia. Ele nunca precisaria vistoriar os prédios e os inquilinos, nem fazer reparos em corredores, paredes e telhados. Se a construção desabasse, o proprietário poderia transformar a área em um estacionamento.

Diante disso, mesmo quem não gostava dos Jets acabava admitindo que eles faziam alguma coisa para salvar o pouco que lhes restava do bairro. Embora não concordassem com os métodos dos garotos, precisavam reconhecer que pelo menos eles tomavam alguma atitude, o que era mais do que se poderia dizer dos políticos e o papo furado cheio de pompa e circunstância deles.

Nenhum dos políticos morava em West Side; nenhum deles precisava lutar por um espaço para viver, por um pouco de ar para respirar. E se a cidade estava violenta, superlotada, decadente, se cada vez mais ruas se tornavam perigosas ao anoitecer, de quem era a culpa? Ninguém nunca perguntou a qualquer um dos moradores da região se eles queriam que os porto-riquenhos fossem admitidos no país. Ninguém teve voz na decisão, e eles se ressentiam disso. Nenhum dos jornais falava em nome das pessoas de West Side, só jovens como os Jets, que usavam sua voz e seus punhos. Era bom não esquecer disso.

Rangendo os dentes, batendo os calcanhares com força, sorrindo com o canto da boca, os Jets atravessaram a rua devagar, forçando os veículos a frear. Quando um motorista idiota botou o corpo para fora da janela e mandou que andassem logo, Riff parou, olhou com cara feia e caminhou em direção ao carro, seguido de perto por Action e Diesel. O homem fechou a janela e trancou as portas às pressas, afobado. Como peixes assustados dentro de um aquário atacado por um gato, a única coisa que o motorista e a mulher ao seu lado conseguiram fazer foi se mexer inquietos enquanto os rapazes, com estudada coordenação, cuspiam em toda a extensão do para-brisa e nas janelas, para só então se afastarem e deixarem o carro passar. Quando ele seguiu, os Jets chutaram o para-choque traseiro e depois quase choraram de tanto rir; era só mais um carro de um caretão que eles chutaram na bunda.

De volta à calçada e satisfeito consigo mesmo, Action apontou para um homem e uma mulher porto-riquenhos de meia-idade que saíam de uma pequena mercearia porto-riquenha. Os dois viram os garotos, hesitaram, se entreolharam e, indecisos, voltaram para a loja. Mas não escapariam com tanta facilidade. Riff fez um sinal, e Snowboy, que gostava de se imaginar no comando, abriu a porta da mercearia para lançar uma bombinha de fedor na loja lotada.

— Que inferno! — disse Snowboy para Baby-John quando voltou para se juntar aos Jets. — Eles vivem como porcos, então não deviam achar ruim a comida feder a porco.

Baby-John assentiu com seriedade, guardando aquela observação para usá-la no futuro. Não apenas Riff e Action tinham lhe mostrado como lidar com motoristas arrogantes que pensavam ter comprado a rua inteira ao pagarem por um carro, como também Snowboy tinha tratado os porto-riquenhos de um modo que eles jamais esqueceriam. E se fossem para casa e contassem o ocorrido aos filhos, e esses garotos sássem à procura dos Jets, tudo bem também, porque qualquer porto-riquenho que pisasse no território dos Jets arcaria com as consequências.

Beligerantes, ávidos por contato, os Jets continuaram a ronda pelo bairro.

Era a segunda noite em que eles varriam as bandas sem que nada de importante acontecesse, e Riff sabia que os garotos estavam começando a ficar impacientes e poderiam se voltar contra ele, que era o que Action queria. Um líder precisava tomar conta de seus homens, fazer as

coisas acontecerem o tempo todo, e quem não conseguia não era lá essas coisas como líder.

Havia apenas um homem a quem Riff teria confiado os Jets, e quando pensou de novo em Tony, só conseguiu sentir amargura. Talvez fosse esse o problema, pensou; ele passava tanto tempo acobertando Tony que não conseguia dar atenção aos rapazes e à ação que eles demandavam.

De repente, ouviu Mouthpiece chamar: três porto-riquenhos estavam do outro lado da rua, à esquerda. Riff se virou rapidamente, e ele e seus companheiros partiram para seus alvos. Mas os porto-riquenhos, em suas jaquetas azuis com detalhes amarelos que os identificavam como Sharks, saíram em disparada por um beco, e Riff esbravejou porque seria inútil persegui-los.

Mas se havia três Sharks por perto, poderia haver outros. Riff ouviu Action dizer que naquela noite transformaria alguns daqueles tubarões em peixes insignificantes, e, enquanto os Jets ecoavam essa vontade de brigar, começaram a procurar pelo inimigo com mais empenho ainda. Quando iam dobrar uma esquina e se dividir em dois esquadrões para cobrir um território maior, Riff fez com a mão o sinal que para eles significava o pior de todos os problemas: polícia. Como haviam adquirido uma vasta experiência no trato com os policiais, diminuíram o ritmo para um passo normal e esperaram que o carro dos tiras os ultrapassasse e parasse.

Convicto de que os Jets pareciam inocentes, passando ali pela rua apenas para uma caminhada e nada mais, Riff foi o primeiro a se aproximar da viatura. Mouthpiece

tinha corrido porque carregava facas, dois pares de socos-ingleses e dois pedaços de corrente de bicicleta, que enchiam um dos bolsos. Riff sorriu por dentro ao ver a habilidade com que Mouthpiece desaparecia no porão de um dos prédios. Atravessando áreas externas e subindo e descendo escadas de incêndio, ele chegaria ao depósito secreto de um porão, que servia de arsenal para o grupo.

Em uma manobra inteligente para impedir que os policiais perseguissem seu comparsa responsável pela artilharia, Riff colocou a mão na porta do carro para mantê-la fechada e se inclinou para cumprimentar o policial à paisana e o uniformizado que estava ao seu lado.

— Ora, se não é o detetive Schrank! — Riff cumprimentou o homem de rosto simpático, agora irritado, que tentava abrir a porta. — E o guarda Krupke! — Reconheceu o motorista, no lado oposto, forçado por Action e Big Deal a ficar dentro do carro. — Então, o que traz os senhores a este lado da cidade?

— Quem é aquele que saiu correndo? — perguntou Schrank. — E tire a mão da porta antes que eu quebre todos os seus dedos.

Riff deu um passo atrás, e seus olhos sinalizaram a Action que deixasse os policiais saírem do carro.

— Que bela maneira de cumprimentar jovens cidadãos ansiosos por viver em paz com nossos representantes da lei e da ordem — queixou-se Riff com ironia.

Na calçada, Schrank deu vários passos hesitantes, como se quisesse perseguir o garoto que ele vira se afastar. Seria, no entanto, impossível encontrá-lo, por isso o dete-

tive se limitou a exibir grande parte de seus dentes em um sorriso forçado. Alto, musculoso, robusto, com mãos grandes que já haviam quebrado sua cota de cabeças, ele passou o peso do corpo de uma perna para a outra enquanto desembrulhava um chiclete e o colocava na boca.

— Quem saiu com tanta pressa? — insistiu.

Riff fez uma grande encenação contando os parceiros.

— Estamos todos presentes e conferidos. Agora, se nos disser a que devemos o prazer de sua companhia, cantaremos dois refrões muito animados da nossa canção de boas-vindas.

— Não é um prazer, e vocês não são uma boa companhia — retrucou Schrank.

Ele estava na polícia havia trinta anos, e suas feições tinham se endurecido pela experiência e por um fatalismo filosófico que haviam tornado possível sua sobrevivência. Todas as pessoas eram sórdidas, era o que Schrank pensava, mas as que causavam problemas precisavam ser extirpadas e espancadas até a submissão.

— Desapareçam daqui. Quem eu pegar terá o que merece — advertiu ele aos Jets. — E não gosto dessa sua cara de arrogância, A-Rab.

— Para meu azar... só tenho esta cara — contestou A-Rab. — Se souber como posso mudar a minha cara...

— Claro — Krupke interrompeu-o no mesmo instante. — Vamos entrar em um desses pátios aqui perto. Qualquer coisa que eu fizer na sua cara só pode melhorá-la.

Schrank ergueu a mão para silenciar Krupke.

— Qual de vocês jogou uma bomba de fedor na *bodega* no início da rua?

— *Bodega?* — perguntou Baby-John. — Por favor, senhor, se isso for um palavrão, sou muito jovem e inocente para ouvir.

— Acho melhor você ir para casa, garoto — advertiu Schrank. — Você é bobo demais para se misturar com esse tipo de gente.

Snowboy passou um braço sobre os ombros de Baby-John em um gesto protetor. Ele havia usado a última bomba de fedor na mercearia e estava limpo.

— Estamos mantendo o menino longe de problemas, detetive Schrank. — Deu um tapinha na cabeça de Baby-John, que revirou os olhos em fingida inocência. — Longe das más companhias — completou.

— Então você não sabe nada sobre a mercearia? — Schrank ignorou as firulas para se ater ao que importava.

Riff negou com a cabeça e ergueu a mão direita em juramento.

— Vimos dois Sharks minutos atrás — insinuou. — Talvez o idiota do dono da mercearia não pagasse por proteção ou algo assim. Agora, se quiser nos incorporar à polícia e nos equipar com as armas da lei — sugeriu, e olhou com avidez para a pesada coronha no coldre de Krupke —, estaríamos dispostos a prestar serviços de graça.

— Pare com as gracinhas — protestou Schrank. — Não foram os Sharks que fizeram isso. O dono da mercearia tem certeza de que não foi um porto-riquenho.

Big Deal mostrou a palma das duas mãos enquanto meneava a cabeça com ar desolado.

— Se não foram os porto-riquenhos, e com certeza não fomos nós, chego a uma conclusão muito triste. O ataque deve ter sido praticado por um policial.

— Talvez por dois policiais — corrigiu Snowboy. — Execrados e traidores de seus juramentos profissionais.

— Isso mesmo — concordou Big Deal. — Um para abrir a porta e outro para jogar a bomba. Terrível, terrível. Onde as coisas vão parar?

— Você está me provocando — disse Schrank a Big Deal. — Quem fez isso? Quem era o cara que fugiu? Vamos — insistiu. — Há uma diferença muito grande entre ser um dedo-duro e cooperar com a lei, ou vocês não sabem disso, seus baderneiros?

— Sabemos a diferença, senhor. — Riff olhou de Schrank para Krupke. — Os senhores nos ensinaram.

— Talvez lhes interesse saber que estamos economizando nossos centavinhos para comprar aos dois cavaleiros um presente adequado por nos transmitirem tal conhecimento — declarou Snowboy com floreios oratórios que fizeram Baby-John se dobrar de tanto rir. — É o tipo de conhecimento concebido para fazer de nós cidadãos melhores e sem o qual teríamos continuado a viver na mais cega ignorância. Se assim fosse, como poderíamos algum dia fazer justiça às nossas responsabilidades cívicas?

Depois de levantar uma mão acanhada para conter os aplausos, Snowboy fez uma reverência e deu um passo atrás para fugir do alcance do cassetete de Krupke.

— Olha aqui, Riff — avisou Schrank —, e isso vale para toda a sua corja. — Em um movimento rápido, Schrank

segurou com a mão direita o ombro de Riff, num gesto forte e doloroso. — O que tenho a dizer pode deixar você surpreso. — Apertou seu ombro com mais força ainda, até sentir o jovem estremecer. — Vocês, bandidos, não são os donos das ruas.

— Nunca disse que éramos.

Apesar da dor, Riff sabia que sua voz soava normal e despreocupada.

— Tem havido muitos confrontos e ataques com bombas entre vocês e os porto-riquenhos — continuou o detetive. — Já falamos isso para eles, e agora chegou a sua vez. Já que vocês, garotos, precisam ficar em algum lugar, queremos que fiquem no seu quarteirão e só. E ninguém tem permissão para bloquear a calçada.

Action bateu palmas.

— O aviso é oficial! Não podemos nem ir trabalhar! Obrigado, detetive Schrank!

— Obrigado por me lembrar — Schrank apontou para Action —, porque este é o momento certo para mencionar o reformatório. — Já sem sorrir, mascou o chiclete com uma forte rotação do maxilar. — É isso aí — prosseguiu, e seu punho esquerdo cerrado serviu de alerta para os Jets pararem um pouco com as gracinhas. — Se eu não conseguir acabar com a baderna, se não mantiver este bairro limpo e tranquilo, acabarei fazendo rondas de novo, e isso significa andar na mesma rua que vocês, o que eu não suportaria. Mas tenho ambições, e vocês terão que colaborar com elas. Pelo menos terão que aturá-las. Então, é desse jeito — seus dedos apertaram o ombro de Riff, e ele se virou para fazer o jovem insolente perder

o equilíbrio — que quero vocês de volta ao seu quarteirão. Não quero ninguém fora de sua área. Não quero que saiam à procura dos Sharks ou de qualquer outra gangue porto-riquenha. Não quero que arrumem nada que vá fazer os porto-riquenhos procurarem vocês. Entendeu, Riff? Droga — sacudiu-o com força —, você entendeu?

— Entendi — respondeu Riff.

A dor era insuportável, deixava seu ombro dormente, mas ele não daria ao homem essa satisfação. Os Jets precisavam sentir orgulho dele, e ele achava que Tony também sentiria.

— Vocês querem que nosso comportamento seja o de sempre. Pacífico.

— Quanto ao resto de seus arruaceiros — continuou Schrank —, pode mandar meu recado para eles. Se não fizerem o que digo, significa que querem levar porrada. E meus colegas e eu estamos preparados, dispostos e ansiosos por satisfazê-los.

O impulso de sua mão fez Riff tropeçar e cair contra Action.

— Voltem para o quarteirão de vocês — insistiu Schrank. — Krupke e eu vamos passar por lá mais vezes, porque queremos avisá-los, meninos, quando for hora de ir para a cama.

Não havia afeição, nunca tinha havido, nunca poderia haver, Schrank sentiu enquanto Krupke e ele voltavam para a viatura. Antes de entrar, fez sinal com o polegar para que os meninos seguissem seu caminho e, com o canto do olho, pôde ver que Krupke admirava o modo como ele lidara com a situação. Krupke se lembra-

ria do fato, falariam dele; e o exemplo poderia ter alguma utilidade para outros policiais que estivessem cansados dessa maldita sociologia que pregava que os menos favorecidos eram muitas vezes mal compreendidos.

Ele os compreendia muito bem e, se tivesse conseguido colocar as mãos no garoto que jogara a bomba de fedor, teria esfregado o nariz dele nela. Schrank respirou fundo e viu Krupke concordar com a cabeça, porque o guarda entendia que os dois tinham empregos ingratos e também perigosos.

Um policial, no entanto, não tinha tempo para pensar no perigo. Se pensasse, começaria a ficar apreensivo, e para fazer parte da polícia naqueles tempos era necessária uma total indiferença ao medo. Jets e Sharks. Eram apenas duas das gangues que infestavam West Side. Às vezes, ele tinha a impressão de que havia mais gangues do que baratas. Mas tanto gangues quanto baratas precisavam ser esmagadas.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Krupke.

Schrank respirou fundo de novo e suspirou.

— Vamos tentar encontrar os Sharks. Preciso ter uma conversinha com Bernardo.

— Garoto difícil? — indagou Krupke.

— Igual aos outros. Fala inglês com sotaque, mas um bom soco na boca é uma língua que ele com certeza entende. Todos entendem.

Observaram os Jets circularem pela rua e detestaram a postura de luta do grupo: pernas rígidas, o calcanhar das botas batendo com força no chão, ombros gingando, polegares enganchados nos cintos.

— Acha que devemos voltar àquela mercearia e ver se conseguimos uma descrição do culpado? — sugeriu Krupke.

Schrank torceu o nariz.

— Não, não aguento o fedor.

— Da bomba ou do dono? — perguntou Krupke.

A risada de Schrank foi curta e amarga.

— Sem comentários.

Pelo modo como seus companheiros caminhavam, pelo jeito como assobiavam, riam e contavam vantagens, Riff sabia que os Jets achavam que haviam conseguido uma vitória e tanto, e melhor ainda: em cima da polícia. Muita gente tinha visto os tiras conversando com eles, tinha visto como ele resistira à punição, e tudo isso chegaria aos ouvidos dos porto-riquenhos. Poderia até chegar aos ouvidos de Tony, que talvez decidisse se juntar aos Jets.

Se Tony quisesse voltar e assumir o comando, Riff concordaria. Riff sorriu para si mesmo, porque sabia que, se isso acontecesse, Action ficaria arrasado, mas tudo bem. Action o vira se desembaraçar do policial babaca, apesar de seu punho forte. Ele queria massagear o ombro dolorido, mas se recusava a fazer isso porque queria que os Jets acreditassem que não sentira nada. Ninguém poderia dizer que ele não tinha resistido ao castigo como um verdadeiro líder.

Acima das janelas gradeadas de um joalheiro, o relógio da rua indicava a Riff que eram quase dez da noite. As coisas tinham acontecido muito depressa. De volta à sua esquina, os rapazes seriam capazes de passar mais

uma hora falando sobre o assunto, interpretando seus papéis, contando uns aos outros o que quase disseram a Schrank e Krupke e o que poderiam ter feito se os malditos tiras tivessem ousado dar um soco que fosse. Então já seriam onze horas.

Ainda cedo demais para voltar para casa, mas não para ir atrás das garotas. Havia muito tempo pela frente até a manhã chegar, horas sem nada para fazer, e toda aquela energia dentro dele pronta, ansiosa, a ponto de explodir.

Ele precisava ver Tony, conversar de novo com ele, implorar que voltasse. Enquanto Tony estivera no comando, cada minuto tinha sido aproveitado, repleto de coisas a fazer. É verdade que, naquela época, Tony e os outros Jets sempre estavam ocupados lutando para dominar o território. Precisaram enfrentar muita gente para se apropriar daquela área, e Riff e o restante da gangue tinham cicatrizes para provar que haviam conquistado e mantido o território. Ninguém das proximidades sequer pensara em desafiá-los, até aparecer Bernardo, um dos primeiros porto-riquenhos a se mudar para o quarteirão.

Os outros porto-riquenhos moravam em outras partes do bairro, mas Bernardo continuava a trazê-los para a área dos Jets. O que ele tinha em mente era muito óbvio: assumir o controle do quarteirão. Se Bernardo e os Sharks conseguissem fazer isso, todas as pessoas brancas teriam que se mudar, e essa seria mais uma vitória para os porto-riquenhos, com seu incompreensível linguajar próprio. *Nesse caso*, para onde eles iriam? Para dentro do rio?

Uma das histórias de amor mais prestigiadas da dramaturgia e do cinema norte-americano, *Amor, sublime amor* lança luz sobre questões tão atuais quanto a intolerância aos imigrantes e o preconceito.

Maria e Tony não conheciam o amor até a noite em que seus olhares se cruzaram no baile, onde os dois jovens dançaram inebriados por aquele sentimento novo e inigualável. Logo eles descobrem, porém, que fazem parte de duas realidades distintas e inconciliáveis. Maria é irmã do líder dos Sharks, uma gangue de imigrantes porto-riquenhos, enquanto Tony é ex-integrante e o melhor amigo do líder dos Jets, a gangue rival, formada por brancos norte-americanos.

Embora Tony tenha decidido começar uma nova vida, longe das rixas entre gangues e da criminalidade das ruas, seu vínculo com os Jets permanece mais forte do que ele imaginava e será decisivo para o curso de seu romance com Maria. Poderá esse amor se desviar da mira da violência das ruas de West Side?

Sob as sombras dos arranha-céus de Nova York, Sharks e Jets se digladiam não só pelo domínio das ruas, mas por motivações que encontram raízes mais profundas na sociedade norte-americana, como a intolerância aos imigrantes e o racismo — uma das razões pelas quais *Amor, sublime amor* continua uma obra atual e necessária.

Ecoando a tradição literária de histórias de amor tragicamente belas, esta obra multipremiada revolucionou a Broadway e o cinema à época de seu lançamento e perdura até hoje como um dos maiores fenômenos a cruzar gerações.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1114/